

Os milagres de São Victor e o futuro do passado

The Miracles of Saint Victor and the Future of the Past

Marcelino Rodrigues da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Estudos Literários, UFMG
lino-rodrigues@uol.com.br

No curta-metragem experimental *Lançou a palavra: São Victor do Horto opera milagre em Assunção*, de Gustavo Cerqueira Guimarães, exibido na programação do 9º CineFoot, em Belo Horizonte, em 2018, um “vibrante torcedor” assiste a um jogo de futebol pela tevê, enquanto conversa ao telefone pelo viva voz. O jogo, que realmente aconteceu, é entre o Guaraní, do Paraguai, e o Independiente del Valle, do Equador, e fez parte da fase inicial da Copa Libertadores da América de 2016.

Quanto ao torcedor e sua interlocutora, o espectador, a princípio, não tem informação suficiente para decidir se se tratam de pessoas reais ou personagens fictícios, ou seja, se o filme é um documentário ou ficção. Atuando diante de uma câmera *webcam*, o próprio Gustavo Cerqueira encarna o torcedor e suas reações ao jogo são intensas e naturais, sugerindo um envolvimento real e pessoal com os acontecimentos. Na conversa, o torcedor chama sua amiga às vezes de Bia, às vezes de Mop – curiosamente significa “esfregar” em inglês.

Apenas nos créditos, o espectador fica sabendo que o protagonista é Miro, personagem criado por Gustavo, do qual falaremos adiante, o que desfaz a possibilidade de tomarmos as imagens como mero registro de um momento de sua vida. E, se Miro é ficção, o que dizer de Bia/Mop na voz de Beatriz Carmelino? Combinando com essa mistura entre realidade e ficção, as imagens foram tratadas com um colorido branco-leitoso, de efeito meio psicodélico, lembrando um desenho de animação.

No início da performance, encontramos Miro sem camisa e à vontade, num espaço que parece ser a sala de sua casa. Ele está inquieto, fumando, bebendo e andando agitado de um lado para outro, enquanto assiste ao jogo e conversa com Bia/Mop, que parece não entender bem o que está acontecendo. Assim como a amiga de Miro, o espectador não

enxerga a tevê, colocando-se em posição semelhante a ela também no estranhamento inicial provocado pelo inusitado interesse de Miro por aquela partida aparentemente insignificante para um torcedor brasileiro.



Trailer de *Lançou a palavra: São Victor do Horto opera milagre em Assunção*.

Aos poucos, porém, Miro vai explicando, para Bia/Mop e para o espectador, os motivos para estar tão ansioso pelo resultado do jogo. O confronto definiria um dos adversários de seu time, o Atlético Mineiro, na próxima fase do torneio, e Miro pretende viajar para ver o jogo na casa do rival. Como sonha em conhecer Quito e teme o possível confronto entre o Atlético e o Guaraní, ele torce sofregamente pelo Independiente.

A história atinge o clímax com um pênalti a favor do Guaraní, no “último segundo” da partida, que ameaça o sonho de Miro e, talvez, o futuro do seu time. Com uma vela na mão, ele entrega o caso nas mãos de São Victor do Horto. Este, como se sabe, é o goleiro que se tornou uma entidade sobrenatural importante no panteão atleticano, operando os milagres que levaram o clube ao seu único título de Libertadores, em 2013. O mais famoso deles, conhecido como “O Milagre do Horto”, aconteceu em 30 de maio daquele ano, em um jogo contra o Tijuana, do México, no estádio do Independência (que fica no bairro do Horto, em Belo Horizonte), quando o goleiro defendeu com o pé esquerdo um pênalti decisivo, nos minutos finais da partida, permitindo que o Atlético avançasse às semifinais do certame. Com o título atleticano, que veio em seguida, o evento

acabou dando origem a um curioso culto esportivo-religioso entre os torcedores atleticanos e, desde então, a data passou a ser comemorada anualmente pelos devotos como o “Dia de São Victor do Horto”.¹

No final da performance, as preces de Miro são atendidas e um novo milagre se opera pelas mãos (ou pelos pés?) de São Victor. O Guaraní perde o pênalti e a vaga para a fase seguinte da competição, para a alegria do vibrante torcedor, que poderá, enfim, ficar mais tranquilo com relação ao futuro de seu time e fazer a tão desejada viagem à capital do Equador. *Lançou a palavra* termina com o protagonista comemorando o resultado de maneira catártica, apagando a vela e agradecendo a São Victor pela ajuda. Seguem-se, então, os créditos da obra, antecedidos por uma foto de Victor fazendo a defesa que lhe conferiu a santidade, à qual foram adicionados alguns efeitos visuais, como a explosão da bola que ele toca com o pé esquerdo e luzes sobrenaturais que emanam de seu corpo, incluindo uma de formato circular em torno de sua cabeça, simulando uma auréola de santo.



Fotografia de Victor: Marcus Desimoni, trailer de *Lançou a palavra* [...].

¹ Para saber mais acerca dos desdobramentos desse episódio, consulte o artigo “O pé esquerdo de Victor: a beatificação de um jogador através das crônicas” (2014), de Pedro Kalil Auad, cuja análise recai sobre as crônicas de futebol escritas após a “milagrosa” defesa de pênalti do goleiro do Atlético Mineiro, com ênfase em textos divulgados em ambientes alternativos ao da grande imprensa. Nessas crônicas é possível perceber os processos pelos quais é feita a construção do jogador que passa a ser um “santo”.

Logo após o acontecimento decisivo que resolve a trama, Miro fala para sua amiga: “tá entendendo Mop, o quê que é o futebol?” Parece, então, que a performance de Gustavo quer nos dizer alguma coisa sobre o que é o futebol. Mas, o que, exatamente, essa curiosa obra nos diz sobre o que é o futebol? Bem... trata-se de uma narrativa, uma história contada por meio de imagens e sons. Talvez uma história autobiográfica, talvez ficcional, ou talvez um pouco das duas coisas. O que ele diz sobre o mundo, então, é sempre uma dúvida, um recado cujo sentido fica um pouco por conta do espectador.

Para mim, que acompanho o trabalho que Gustavo vem fazendo com o futebol, já há alguns bons anos, a videoperformance traz de volta não apenas o personagem Miro, mas também uma encruzilhada temporal que surgia da maneira como eu lia os textos que ele escreveu sobre as participações do Atlético na Copa Libertadores da América, em 2016, 2017 e 2019. Nessa época, publicou, no site *Ludopédio*, como parte de suas pesquisas de pós-doutorado, uma série de textos sobre os jogos que o Atlético vinha fazendo na Libertadores, intitulada “El Minero: o atleticano enfim conhece a América Latina”. Em alguns desses jogos, Gustavo também viajou por outros países, no encalço do seu time do coração. Os textos eram uma mistura de crônica, relato de viagem, comentário esportivo, reportagem e ficção, falando sobre os adversários, as expectativas provocadas por cada partida e as peripécias do autor em suas viagens físicas e mentais para acompanhar o Atlético pela América do Sul.

Aos poucos, porém, os textos foram se transformando, e o teor autobiográfico e jornalístico foi cedendo espaço para uma elaboração cada vez mais marcada pela ficção, que acabou dando origem ao personagem Miro, uma espécie de alter ego do autor, explicitamente inspirado em Belmiro Borba, o protagonista do romance *O amanuense Belmiro*, publicado pelo escritor mineiro Cyro dos Anjos em 1937. Interessante notar que, assim como Miro, Belmiro Borba também surgiu de forma mais ou menos gradual, em crônicas jornalísticas publicadas por Cyro dos Anjos nos anos 1930, que serviram como experimentos para a progressiva modelagem do futuro personagem de seu romance. Inclusive, a semelhança não vai parar por aí, porque as crônicas de Gustavo estão sendo retrabalhadas, para se tornarem, também, um romance ou novela, conforme apresentado parcialmente em reunião do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes, sob o provisório título *O atleticano Miro*. Com a benção de São Victor!

Os textos de Gustavo no *Ludopédio* eram sempre publicados pela manhã, no dia do jogo, e, por conta desse corre-corre que é a vida, eu sempre os lia depois, já sabendo o resultado e podendo avaliar, retrospectivamente, o “acerto” ou o “erro” das expectativas do cronista. Por isso, o comentário sempre soava anacrônico, falando de um momento em que a história poderia ter vários desfechos, para um leitor que já sabia qual deles iria se concretizar. Entre outras coisas interessantes, portanto, os textos me falavam desse cruzamento entre o tempo do jogo e o tempo do torcedor, tornando visível o caráter imprevisível do esporte, que está o tempo todo nos confrontando com o trágico, com os efeitos incontroláveis da contingência em nossa vida e em nosso destino.

Neste trabalho audiovisual, temos dois fios narrativos que correm paralelamente: a história do jogo, que o espectador apreende pelos comentários de Miro e pela narração que se ouve em segundo plano (de Éder Reis e do ex-jogador Edinho), e a história que se desenrola na tela, que é a história de um torcedor que projeta no jogo os seus desejos, temores, sonhos e projetos. Os acontecimentos do jogo determinam o que acontecerá com o personagem e vice-versa, pois são as orações de Miro que introduzem São Victor na(s) cena(s) para definir o resultado da partida. Como o tempo do jogo diz respeito a acontecimentos reais, olhamos para o enredo retrospectivamente, sabemos o que vai acontecer depois: o humilde Independiente del Valle foi vice-campeão da Libertadores daquele ano, superando diversos rivais poderosos, como o River Plate, o Boca Juniors e... o Atlético Mineiro na fase de grupos!

A artimanha que dá mais sabor ao filme, então, é o fato de que o tempo do jogo, que determina o tempo do personagem, sofre a decisiva intervenção de São Victor, invocado esperançosamente por Miro, submetendo-se assim à lógica ficcional que orienta a performance. Mas a força dessa entidade sobrenatural para determinar o destino, que se mostra tão eficiente naquele momento, não foi suficiente para garantir o sucesso de seu próprio time, que acabou eliminado do torneio, na história da vida real que informa o olhar do espectador. Ou, talvez, Miro tenha gastado, precipitadamente e por motivo pessoal, a cota de milagres reservada ao Atlético naquele torneio. Aí é que está a ironia capciosa do destino (e de Gustavo): o mesmo Independiente del Valle, que ganhou com a intervenção milagrosa de São Victor, acabaria deixando para trás o time de Miro, de Gustavo e do Victor de carne e osso.

Enfim, a mim pareceu que o filme está nos lembrando que, no futebol e na vida, existem deuses travessos e ardilosos, sempre dispostos a nos surpreender com a possibilidade de um desfecho inesperado, e talvez indesejado. Lançada a palavra, digo, a bola, ninguém sabe ao certo o que vai acontecer.

* * *

REFERÊNCIAS

AUAD, Pedro Kalil. O pé esquerdo de Victor: a beatificação de um jogador através das crônicas. **interFACES**, v. 20, n. 1, p. 67-77, 2014.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. **Lançou a palavra: São Victor do Horto opera milagre em Assunção**. Belo Horizonte/Brasil: Leite Filmes; PeDRa LeTRa. Experimental, 2018, 11 min.

LANÇOU A PALAVRA: São Victor do Horto opera milagre em Assunção (2018) – Trailer. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sNykag2w1cg>. Acesso em: 30 maio 2021.

TV GALO: São Victor do Horto é destaque na programação do Cinefoot 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8U9roxhFu2c>. Acesso em: 30 maio 2021.

* * *

Recebido para publicação em: 08 jun. 2021.
Aprovado em: 14 jun. 2021.